



Camila Aparecida Carneiro Fernandes, Arthur Meucci & Bethania Medeiros Geremias (2021). A importância do reconhecimento familiar dos idosos estudantes na decisão de ingressar e permanecer no Ensino Superior. In Joaquim Pinheiro (coord.), *Olhares sobre o envelhecimento. Estudos interdisciplinares*, vol. II, pp. 1-12.

DOI: 10.34640/universidademadeira2021fernandesmeuccigeremias

ISBN: 978-989-8805-65-2

Nota de edição: Respeitou-se a norma ortográfica seguida pelos Autores.

© CDA, Universidade da Madeira

O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização dos editores e dos seus autores. Os capítulos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.



A importância do reconhecimento familiar dos idosos estudantes na decisão de ingressar e permanecer no Ensino Superior

CAMILA APARECIDA CARNEIRO FERNANDES¹

ARTHUR MEUCCI¹

BETHANIA MEDEIROS GEREMIAS¹

¹Universidade Federal de Viçosa

camilafloresfernandes@gmail.com

enviado a 22/01/2021 e aceite a 30/03/2021

Resumo

A longevidade etária dos brasileiros tem gerado novas demandas de ingresso no Ensino Superior de cidadãos com mais de sessenta anos de idade. Este artigo resulta de duas pesquisas realizadas com os idosos regularmente matriculados na Universidade Federal de Viçosa, sendo esse trabalho um desdobramento original baseado nos discursos dos estudantes sobre o apoio familiar como elemento de motivação para o ingresso e permanência. A metodologia empregada foi a Análise do Discurso de linha francesa e a técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. O principal referencial utilizado para a análise teórica foi a Teoria do Reconhecimento, proposta por Axel Honneth, pois buscou-se entender como os idosos universitários relataram seus processos de vínculo social com a instituição. A análise do material discursivo dos entrevistados identificou a importância do reconhecimento familiar dos idosos, principalmente no estímulo ao ingresso e permanência no Ensino Superior na instituição pesquisada. Conclui-se que políticas públicas brasileiras de inserção dos idosos no Ensino Superior precisam levar em consideração a conscientização dos familiares para que haja reconhecimento e apoio para permanência.

Palavras-chave: Reconhecimento, Idosos, Universidade, Família.

Abstract

The age longevity of Brazilians has created new demands for entry into Higher Education by citizens over sixty years of age. This article results from two surveys conducted with the elderly regularly enrolled at the Federal University of Viçosa, this work being an original development based on students' speeches about family support as an element of motivation for admission and permanence. The methodology used was the French Discourse Analysis and the data collection technique was the semi-structured interview. The main reference used for the theoretical analysis was the Theory of Recognition, proposed by Axel Honneth, because it sought to understand how the elderly university students reported their processes of social bonding with the institution. The analysis of the interviewees' discursive material identified the importance of family recognition of the elderly, especially in stimulating the entry and permanence in Higher Education at the researched institution. It is concluded that Brazilian public policies for the insertion of the elderly in Higher Education need to take into account the awareness of family members so that there is recognition and support for permanence.

Keywords: Recognition, Ageing, University, Family.

Introdução e justificativa

O trabalho aqui apresentado faz parte de uma pesquisa¹ desenvolvida no âmbito da Universidade Federal de Viçosa (UFV), primeiramente, em uma Iniciação Científica² e, posteriormente, em uma pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação. O objetivo geral dessa pesquisa foi compreender as relações de reconhecimento que os alunos idosos da UFV mantêm com a instituição de ensino. E o objetivo específico foi investigar como os idosos universitários compreendem seus processos de inserção nos cursos de graduação. A originalidade deste artigo em relação ao trabalho apresentado na Dissertação de Mestrado se situa na análise inédita de um material discursivo que trata da importância dos familiares e amigos dos idosos pesquisados sobre a decisão de estudar na universidade.

A justificativa deste trabalho está alicerçada na comprovação de que os brasileiros estão permanecendo por mais tempo na velhice (IBGE, 2018) e nos benefícios e vantagens que eles alcançam ao ingressarem em uma Instituição de Ensino Superior (IES) como estudantes (Lima, 2001). Quando a maior longevidade encontra condições propícias, como saúde física e psicológica, disponibilidade de tempo e recursos financeiros, muitos idosos brasileiros optam por iniciar ou retornar os estudos em uma universidade (Reis et al., 2018). Também encontramos essa tendência entre idosos da classe trabalhadora em outros países como na Nova Zelândia (Davey, 2002), na China (Xichem & Mengnan, 2020), na Ásia Oriental e África Subsaariana (Izuhara, 2010).

Entretanto, os trabalhos de Buarque (2000), Vieira Pinto (1986) e Ribeiro (1969) ressaltam que as universidades públicas brasileiras como a UFV não foram pensadas e criadas para inserir os idosos, em especial das camadas populares nos quadros discentes de graduação ou pós-graduação. Idealizada e materializada no período histórico da República do Café com Leite, a universidade no Brasil foi projetada para atender os jovens provenientes da classe dominante. Portanto, é possível que os estudantes que não se encaixam nessas características sintam-se desconfortáveis dentro de uma universidade pública, concebida originalmente com esse propósito segregacionista (Vieira Pinto, 1986; Buarque, 2000; Ribeiro, 1969).

Diante do contexto histórico-institucional exposto, torna-se relevante e necessário estudar a inclusão dos idosos na universidade. Constatamos, nos discursos de tais estudantes, que existe uma etapa importante anterior à tomada de decisão de cursar uma graduação, baseada no apoio material, psicológico e moral dos familiares e amigos dos idosos que desejam frequentar o Ensino Superior. Nossa hipótese é que esses olhares podem motivar ou desmotivar a volta aos estudos, impactando no reconhecimento dos idosos enquanto estudantes legítimos e capacitados nessa modalidade de ensino.

Referencial Teórico

O principal referencial teórico para analisar os discursos morais apresentados pelos entrevistados foi a Teoria do Reconhecimento, formulada por Axel Honneth (2003). Escolhemos o referencial baseado nos discursos dos estudantes idosos que, na pesquisa de Iniciação Científica e de Mestrado, reivindicavam reconhecimento enquanto estudantes legítimos e

¹Trabalho registrado no Comitê de Ética em Pesquisa na Plataforma Brasil, CAAD nº 3.331.228.

² A coleta de dados se iniciou com uma pesquisa de Iniciação Científica, conduzida pelo Prof. Arthur Meucci e pela estudante de Educação Gabriela Cunha Barbosa, com financiamento da FAPEMIG, entre 2018 e 2019.

igualdade de direitos e tratamento pela comunidade acadêmica e pela instituição. Para esse teórico, todas as pessoas buscam reconhecimento em três esferas sociais - Amor, Direito e Solidariedade - e, quando esse objetivo não se concretiza, elas travam lutas intersubjetivas para alcançá-lo. A Teoria do Reconhecimento se fundamenta na observação de que todos os seres humanos desejam ser reconhecidos e respeitados como iguais em seus grupos sociais e, ao mesmo tempo, lutam para que suas singularidades sejam aceitas pelos membros. De acordo com essa teoria, esse movimento da busca pelo reconhecimento enquanto estudante de plenos direitos é o motor principal que move os pedidos dos idosos dentro da universidade. Eles desejam tratamento igualitário, como qualquer estudante comum ou com necessidades especiais. Entretanto, diante das questões trazidas pelo avanço da idade, demandam que suas necessidades enquanto idosos sejam aceitas e respeitadas - salas de aulas acessíveis, material didático adaptado para as limitações visuais etc.

A primeira esfera, na qual se inicia o processo de reconhecimento, é o Amor (Honneth, 2003). O Amor, enquanto afeto que aceita o outro, promove a autoconfiança, que origina o engajamento afetivo dos envolvidos. A reação contrária ao Amor é o “desrespeito”, que se caracteriza pela exclusão ou mesmo aniquilação do outro por meio de violações e maus tratos. Segundo Honneth (2003), o reconhecimento na esfera do Amor emerge na infância, com o vínculo existente entre o recém-nascido e seu cuidador que faz o papel materno. Quando a criança confia no amor do outro, na aceitação de suas singularidades pelos pais, ela adquire a base emotiva necessária para participar da vida social e requisitar seus direitos de pertencimento. No caso dos idosos pesquisados (Fernandes, 2020) constatou-se em análises anteriores esse duplo movimento na esfera do Amor. Ele é caracterizado por um conflito primordial no desejo de serem aceitos por colegas e professores enquanto estudantes idosos e as resistências dos mesmos em aceitá-los cursando disciplinas “no lugar dos jovens” e excluindo-os dos grupos de trabalho e estudos.

A segunda esfera é a do Direito, que evolui de um amadurecimento psicossocial na percepção de que a vida em sociedade é organizada em direitos e deveres (Honneth, 2003). A tradição hegeliana do reconhecimento estabelece um limite claro com o Amor, pois este é produto de um afeto, enquanto o Direito se estabelece em uma racionalidade que deve se sobrepor aos nossos sentimentos em relação ao outro. Ou seja, não podemos julgar direitos e deveres baseados em nossa simpatia pelo próximo. Entretanto, para aceitarmos os direitos de uma pessoa, precisamos reconhecê-la como um igual, o que nos remete à esfera anterior, ao Amor. De acordo com a teoria de Honneth (2003), ocorre o desrespeito a essa esfera quando os direitos ou as regras são diferentes entre os sujeitos ou, simplesmente, quando o direito de uma pessoa não é exercido. Exemplos de desrespeito nesta esfera foram analisados na dissertação mestrado (Fernandes, 2020), onde uma idosa teve seu pedido de sala adequada às suas necessidades especiais oriundas da idade negado pela universidade, configurando não só um problema ético de reconhecimento como também uma infração ao Estatuto do Idoso.

A terceira e última esfera é a da Solidariedade, instância de vínculo social que agrupa pessoas com os mesmos parentescos, valores sociais ou problemas de reconhecimento, gerados por meio de violência, degradações ou ofensas (Honneth, 2003). Segundo Honneth, o reconhecimento na esfera da Solidariedade acontece quando os envolvidos em uma determinada relação, reciprocamente, tomam interesse por seus diferentes modos de vida, uma

vez que se estimam de maneira simétrica quando ameaçados. Um exemplo deste desrespeito, publicado na dissertação (Fernandes, 2020), foi o movimento coletivo de estudantes idosos de licenciatura chamado “Peixes fora d’água” que denunciava o tratamento preconceituoso que recebiam dos colegas e docentes dentro da universidade.

Metodologia

O primeiro passo da nossa metodologia foi contatar os participantes da pesquisa por meio de correio eletrônico, com o auxílio da Pró-Reitoria de Ensino da UFV. Dos oito estudantes universitários com mais de sessenta anos³, sete aceitaram participar deste trabalho e escolheram dia, horário e local para que as entrevistas semiestruturadas acontecessem. A idade de sessenta anos para a classificação de um estudante idoso foi estabelecida pela Lei Federal no 10.741/2003 (Estatuto do Idoso). Os discursos foram gravados, transcritos e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O estudante que não participou da pesquisa desistiu no segundo mês de aula alegando, por telefone, problemas de engajamento com os colegas de classe e os pedidos de sua esposa que se sentia muito sozinha no período noturno, quando ocorriam as suas aulas.

O segundo passo foi a escolha do referencial teórico da metodologia de análise. Nossa opção foi a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, proposta por Orlandi (2009). Segundo a autora, não podemos analisar um discurso de forma isolada, porque ele é um conjunto de sentidos e experiências. Portanto, é necessário entendermos quem são os sujeitos e os contextos sociais, históricos e culturais nos quais os dizeres emergiram (Orlandi, 2009).

Para compreendermos os discursos, é importante esclarecer o conceito de interdiscurso (ou memória coletiva) (Orlandi, 2009). Todos estamos assujeitados por uma ideologia e quando falamos estamos, em alguma medida, referenciando discursos já ditos, mas que foram socialmente esquecidos. Interdiscursos são as memórias que estão presentes nas condições de produção dos dizeres (podem ser estritas ou amplas) e que influenciam na maneira como o sujeito compreende uma situação e nos termos que escolhe para comunicá-la (Orlandi, 2009).

As condições de produção estritas abarcam as pessoas que estão proferindo os discursos e a situação imediata na qual ocorrem. Já as amplas englobam os contextos mais gerais sociais, ideológicos e históricos (Orlandi, 2009). As condições de produção estritas desta pesquisa são os sete idosos universitários, que possuíam idade igual ou superior a sessenta anos e eram estudantes regulares dos cursos de graduação da UFV. Todas as entrevistas aconteceram nas dependências da universidade. As condições de produção amplas são os contextos gerais nos quais os discursos emergiram e, para entendê-los, desenvolvemos uma ampla pesquisa sobre os assuntos: universidade pública, velhice, envelhecimento, reconhecimento, entre outros.

Ainda de acordo com Orlandi (2009), a AD é feita baseada em um tripé: a subjetividade de quem faz as análises, o material já produzido pelo tema histórico e social e as ferramentas de análise da AD - as principais usadas neste trabalho foram: metáforas, paráfrases e polissemias.

As metáforas são os dizeres que possuem comparações e analogias. As paráfrases acontecem quando os entrevistados escolhem termos e palavras distintas para exprimirem a mesma ideia.

³No período pesquisado havia inicialmente oito estudantes com mais de sessenta anos. O oitavo estudante desistiu de cursar a universidade após dois meses de ingresso. Essa amostra representa a totalidade de estudantes idosos que permaneceram matriculados em 2018.

E as polissemias são os discursos que se diferem (se deslocam) do que é dito pela maioria ou esperado socialmente (Orlandi, 2009).

A análise dos discursos iniciou-se com a leitura das entrevistas transcritas (material bruto coletado), que são chamadas por Orlandi (2009) de superfície linguística. Após as leituras iniciais para a Iniciação Científica e para a pesquisa de Mestrado, relemos novamente todo o material, analisando-o de acordo com o objetivo específico de estudar os discursos sobre os familiares que não foram utilizados nas pesquisas anteriores. Os dizeres que respondiam a ele são denominados “objeto discursivo” e, a partir desse momento, o corpus tornou-se de-superficializado. As ferramentas da AD (metáfora, paráfrase e polissemia) auxiliaram na separação dos discursos, que, após essa etapa, se converteram em processos discursivos. A partir de então, conseguimos compreender os sentidos dos discursos com o auxílio principal de Honneth (2003) e Orlandi (2009).

Entre os temas que apareceram nas entrevistas⁴, o tópico Apoio da família e dos amigos para permanecer no Ensino Superior mostrou como esse suporte social foi relevante para a trajetória acadêmica dos idosos, mesmo que não se apresente como essencial em um dos entrevistados que não tinha uma rede familiar próxima. A temática familiar não foi objeto de análise na pesquisa de mestrado, pois não estava ligado diretamente ao cotidiano acadêmico e as lutas pelo reconhecimento da instituição. O apoio da família e dos amigos antecede a entrada na universidade, situando-se fora dos recortes propostos pelas investigações anteriores. Optamos por apresentá-lo neste trabalho porque os dizeres confirmam a importância da autoconfiança dos entrevistados para enfrentarem os desafios e permanecerem na instituição.

Optamos pelas entrevistas semiestruturadas (Bogdan & Biklen, 1994) com os estudantes idosos matriculados na UFV, realizando abordagens individuais para proteção do anonimato, e contando com o apoio da Pró-Reitoria de Ensino para identificação e contato dos idosos. As entrevistas foram gravadas em áudio para posterior análise e decupagem. Fizemos nove perguntas abertas para abordar o problema de pesquisa das lutas pelo reconhecimento na instituição: 1. Como você descreve sua relação com a Universidade Federal de Viçosa? 2. Você percebeu modificações no seu comportamento após sua inserção no ambiente universitário? 3. Como você se sente em relação ao tratamento deferido por professores e colegas? 4. Você já sofreu preconceito devido à idade no ambiente universitário? 5. Qual sua opinião sobre a inserção dos idosos na UFV? 6. Você apoia a criação de uma Universidade Aberta à Pessoa Idosa? 7. O que você acha que a universidade poderia fazer para receber melhor o público idoso? 8. Você teve apoio da família e dos amigos para cursar o Ensino Superior? 9. Como foi sua trajetória escolar até chegar à universidade?

Análises, resultados e discussões

Na análise discursiva dos entrevistados, o tema *Apoio da família e dos amigos para permanecer no Ensino Superior* apareceu em seis dos setes discursos. Para preservar o anonimato de nossos entrevistados, vamos identificá-los com a árvore “Ipê”, seguida de um número, que corresponde à ordem decrescente de idade dos entrevistados.

⁴ Na pesquisa de Mestrado (Fernandes, 2020), voltado para a inclusão dos idosos na Universidade Federal de Viçosa, trabalhou-se temas ligados ao cotidiano dos idosos na universidade: estereótipos sobre a velhice, relações intergeracionais, idosos com deficiência e acessibilidade na universidade.

De acordo com o sexo dos participantes, as Ipê 1, Ipê 2, Ipê 4, Ipê 6 e Ipê 11 são mulheres. Os Ipês 5 e Ipê 7 são do sexo masculino. Em relação ao Centro de Ciências aos quais estavam vinculados, todos os participantes, com exceção do Ipê 5, pertenciam ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH). O Ipê 5 integrava o Centro de Ciências Agrárias (CCA). No que tange à idade dos pesquisados no momento das entrevistas, a Ipê 1 possuía 78 anos, a Ipê 2, 72; a Ipê 4, 69; o Ipê 5, 64; a Ipê 6, 62; o Ipê 7, 61 e a Ipê 11, 60.

Os entrevistados Ipê 1, Ipê 2, Ipê 4, Ipê 6, Ipê 7 e Ipê 11 relataram receber apoio de suas famílias, sobretudo de filhos e cônjuges. Ou seja, eles proferiram paráfrases: essas acontecem quando os entrevistados utilizam termos e palavras distintas para expressarem a mesma ideia conforme exemplificaremos a seguir (Orlandi, 2009).

O apoio para retornar aos estudos também foi pontuado no trabalho de Reis et al. (2018): os três idosos entrevistados relataram receber de seus familiares incentivos para permanecerem no Ensino Superior. Apenas o dizer do Ipê 5 constituiu-se como uma polissemia, porque se deslocou dos demais. De acordo com Orlandi (2009), compreendemos que uma fala se desloca quando ela difere dos dizeres que são esperados socialmente ou do que é dito pela maioria. Nas próximas linhas apresentaremos exemplos.

As famílias e amigos dos idosos entrevistados, em sua maioria, os incentivam a frequentarem um curso superior. A seguir elencamos alguns discursos que apontam para a nossa afirmação: **“Ele (o marido) gosta. Ele incentiva também. Ele e meus meninos tudo... acha muito bom. Já tão até pensando em fazer festa de formatura.”** (Ipê 4, mulher, grifo nosso); **“Adoraram! O incentivo partiu da nome e nome, mais da nome, porque foi ela que fez a matrícula, né?** Mas, no dia da graduação, não é, tava parecendo que era a filha das duas e do meu marido que tava graduando.” (Ipê 2, mulher, grifo nosso); **“Aí eu fui incentivado pelo meu amigo, que se eu tivesse passado sozinho eu não teria ido, teria deixado a vaga para lá”** (Ipê 7, homem); **“Gente da família dando apoio é importante demais”** (Ipê 6, mulher); e **“Eu tinha uma amiga que me incentivava”** (Ipê 11, mulher)”. Por essas respostas, infere-se que os familiares e amigos conferem reconhecimento (Honneth, 2003) ao ingresso no Ensino Superior, capazes de estabelecerem vínculos com a Universidade .

No discurso dos entrevistados cita-se, como incentivo ao ingresso na Universidade, vantagens nos aspectos sociais e emocionais. Segundo Lima (2001), Cachioni et al. (2015) e Inouye et al. (2018), os benefícios para o idoso que frequentam um curso de graduação são, entre outros, o estabelecimento de novos laços sociais, o exercício da autonomia e maior bem-estar físico e emocional. Esse fenômeno também ocorre, segundo Xichen e Mengnan (2010), entre os idosos na China e, segundo Davey (2002), entre os aposentados sem nível superior na Nova Zelândia. A obra organizada por Izuhara (2010) aponta que o acesso de idosos aos cursos de graduação de uma universidade, e não somente aos programas educacionais destinados aos velhos, são situações comuns em países subdesenvolvidos da Ásia Oriental e da África Subsariana por conta dos problemas na trajetória escolar da classe trabalhadora e pela falta de uma política satisfatória de bem-estar aos aposentados.

Nos discursos dos nossos idosos surgiram falas imputadas aos parentes em relação aos benefícios que o ingresso na universidade proporciona. Temos, como exemplo, o que Ipê 11 nos contou sobre o incentivo dos seus filhos:

Quando eles (*os familiares*) ficaram sabendo que eu ia voltar, **eles ficaram agradecidos**, porque enfim eu ia fazer (inaudível), que eles me cobravam muito aí eles dão a maior força, o maior incentivo. Meus filhos, eles não têm essa coisa: ‘Ah, minha mãe tá estudando, podia tá fazendo...’. **No princípio a minha filha mais velha estranhou, aí eu brinquei com ela, falei assim: ‘Qual você prefere, saber que eu tô na Universidade estudando ou você chegar aqui em casa [...]’- porque ela mora comigo - ‘ou você chegar aqui em casa e os vizinhos falarem assim ó: Dá um jeito na sua mãe, que ela tá insuportável’, porque se eu não estudar, eu vou ficar virando a vida dos outros’. Eu falei: ‘Você quer isso?’. Ela falou: ‘Não, pode ir’.** (Mulher, grifo nosso)

Ipê 11 justifica sua frequência em uma IES com aspectos que para ela são importantes: ocupar o tempo, reduzir a ociosidade, dirimir doenças emocionais e psicológicas e melhorar as relações sociais. No âmbito familiar, o apoio é para ela uma questão fundamental, apesar de relatar algumas dúvidas e incertezas dos familiares quanto à sua decisão.

Quando uma das filhas questionou essa decisão, a mesma argumentou em defesa de sua escolha, ou seja, que era melhor cuidar de sua vida do que da vida de outros. Isso sinaliza que a Ipê 11 já reconhecia, antes de se tornar estudante universitária, que cursar uma graduação faz com que a pessoa idosa tenha interesses e responsabilidades que contribuem para que a velhice não seja ociosa. Essa visão corrobora os trabalhos de Lima (2001), Cachioni et al. (2015) e Inouye et al. (2018) que citamos anteriormente.

Os benefícios sociais e emocionais, apesar de importantes, não são a principal justificativa para o apoio familiar aos idosos estudantes. Na perspectiva sociológica da educação, encontramos nos livros *A Reprodução* (2014) e *A Miséria do Mundo* (2008) de Pierre Bourdieu relações importantes entre o capital cultural e escolar dos familiares com o incentivo de seus membros em frequentar uma instituição de ensino. O sociólogo francês estudou o público jovem e adulto em suas pesquisas, mas pelo discurso de algumas entrevistadas podemos inferir que esse fenômeno social se estenda aos idosos.

Ainda em relação ao conceito de paráfrases de Orlandi (2009), o discurso de outra idosa entrevistada, Ipê 6, cita o incentivo familiar da filha que cursou o Ensino Superior:

A minha filha mais velha, por ela eu já tinha parado de estudar, que eu te falei que tem problema, **ela ficou com trauma da Universidade, falou que os professores perseguem, vai me perseguir também. Agora, já minha filha mais nova me dá o maior apoio, tem o maior orgulho de me ver estudando e quer me ver formar aqui.** A minha irmã e meus sobrinhos, nossa, me deram maior força e batia palma, meus sobrinhos, todos gostam de mim. **De irmão mesmo é minha irmã que me dá força, ela é pedagoga.** (Ipê 6, mulher, grifo nosso)

Segundo Ipê 6, uma das filhas, quando cursava a faculdade, foi perseguida por professores e, por essa razão, tinha receio de que a mesma situação se repetisse com a mãe. A preocupação de sua filha é um claro indício que ocorreu, em sua trajetória universitária, situações de não-reconhecimento e desrespeito (Honneth, 2003) por sua origem social e que sua mãe também poderia enfrentar. Entretanto, sua filha e outros familiares a incentivaram, com destaque para a irmã da idosa, que se formou em Pedagogia.

Também na perspectiva do apoio de familiares que frequentam ou frequentaram o nível superior de ensino, destacamos o relato da Ipê 1:

Não, não, eles gostam, porque olha, eu tenho um formado em Direito, tenho um formado em Nutrição, ainda tenho uma filha que é formada em Psicologia. Tudo Colégio do governo, na UFRJ, o outro foi na UFF, entendeu, o Direito foi na UFF. O meu irmão mais velho foi advogado, ele formou na UFF também, sabe? Lá em casa, da minha casa, quem estudava era eu e meu irmão, o resto tudo não quiseram, casaram, tiveram filho, (...). (Ipê 1, mulher, grifo nosso)

Ao analisarmos a postura dos familiares que cursaram uma graduação e que se envolveram profissionalmente com a área da educação, encontramos ressonância nos textos sociológicos de Bourdieu (2007, 2008, 2014). Esse sociólogo, por meio de pesquisas, afirma que famílias com históricos escolares exitosos tendem a repetir o sucesso escolar com os outros membros ou com os descendentes. Ao assimilarem os comportamentos valorizados no ambiente escolar, elas os transmitem aos outros membros da família. Na visão desse autor, quanto mais estímulo uma trajetória escolar recebe, maiores são as chances de ser duradoura e com êxito.

O relato da Ipê 4 nos mostrou que os amigos mais próximos podem ajudar a retornar aos estudos. O fato de achar que não conseguiria acompanhar o curso, por ter ficado muito tempo sem estudar, nos fez pensar na ausência de confiança em si mesma. Todavia, o trecho a seguir demonstra a relevância de existirem pessoas apoiando o idoso quando lhe faltar coragem para realizar seus sonhos.

Tenho uma manicure que é muito minha amiga. E ela era da turma de *data*. Aí ela falou assim: **'Ih nome tem um curso lá que é a sua cara. Você vai fazer ele.'** Aí eu disse: **'Mas não tem jeito [...] fiquei muito tempo sem estudar [...]'. 'Não você vai fazer...'**. Aí comecei [...] com dois meses eu estudei, eu e meu neto, nós estudamos para fazer o Enem. Aí nós fizemos Enem. Eu passei, ele passou também. Aí eu tinha posto lá para *nome*, pra *nome* e tinha mais essa opção de *nome* que eu já tinha pedido, né?! Aí eu [...] a *nome* não deu [...] acho que eu ia ficar muito longe na lista de espera [...] a *nome* eu nem procurei saber, porque eu tava na lista de espera, aí eu não procurei saber, porque eu fui chamada para *nome*. Aí entrei para a *nome* em *data*. (Ipê 4, mulher, grifo nosso)

Para ingressar no curso superior, Ipê 4 fez a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e estudou junto com seu neto. Há alguns anos, seria estranho ver a avó e o neto estudando juntos, mas, como as novas formas de viver a velhice estão se consolidando, essa experiência tem se tornado comum. Essas novas vivências não se restringem ao âmbito escolar, pois envolvem múltiplas experiências sociais e culturais, como, por exemplo, a vivência da sexualidade por idosos e idosas (Santos, 2013), a liberdade experimentada pelas mulheres, após os sessenta anos (Goldenberg, 2014) e a escolha de cada pessoa de como deseja envelhecer (Côrte, 2018).

As entrevistadas Ipê 4 e Ipê 6 demonstraram, em seus discursos, reconhecer os desafios que a universidade pública propicia a elas, entretanto, demonstraram ter autoconfiança suficiente para transpô-los. Justificamos essa inferência na persistência delas em permanecerem como estudantes universitárias. Essa autoconfiança também pode ser reflexo de uma experiência de vínculo recíproco de Amor durante a infância. Na velhice, elas conseguem reivindicar seus

direitos, pois existe o reconhecimento na esfera do Amor, por parte da família que sustenta sua luta (Honneth, 2003).

A particularidade no discurso do Ipê 7 relaciona-se à valorização dos amigos que apoiaram sua trajetória escolar nos diferentes níveis de ensino. Como abordamos, sua família atual o encoraja a estudar, mas não foi sempre assim, sobretudo em relação ao apoio paterno:

Nunca falou comigo assim, que eu tinha sido ótimo, ‘Foi bom, pode melhorar’, ‘Foi bom, pode melhorar’. Ele (*o pai*) era meio, tido como exigente, mas no fundo pros outros ele falava né: ‘Nossa, aquele menino meu é uma fera, você precisa de ver’. (Ipê 7, homem, grifo nosso)

Infere-se que a dificuldade do pai em expressar a admiração para o filho não comprometeu diretamente sua autoestima pelos estudos, uma vez que se mostrava exigente, logo preocupado. O orgulho do pai demonstra uma típica relação de respeito dentro dos mecanismos sociais de reconhecimento (Honneth, 2003). Diante da autoestima, Ipê 7 valorizou todos os amigos e professores que o incentivaram a dar prosseguimento nos estudos. Para confirmar nossa análise, expomos dois de seus relatos:

Aí eu fui incentivado por ele, que se eu tivesse passado sozinho, eu não teria ido, teria deixado a vaga pra lá. É, não teria companheiro né, não teria **aquele amigo que até hoje a gente mantém essa ligação como irmão né?** (Ipê 7, homem, grifo nosso)

Aí quando eu fiz uma das *nome*, **eu tive um professor, que eu devo muito a ele também,** que eu fui muito bem com ele e, além de sair muito bem na disciplina, eu fiquei como amigo dele, particular, aquele negócio todo, **uma pessoa que até hoje também a gente mantém os vínculos de amizade, esse aí já é de pai pra filho, já me considera igual filho.** (Ipê 7, homem, grifo nosso)

Ipê 7 é uma pessoa que estudou durante toda a vida e ocupou cargos profissionais de relevância em seu local de trabalho. Dessa forma, inferimos que o incentivo das pessoas com quem ele conviveu teve contribuição significativa na sua escolha e em seu desempenho profissional.

Em relação às vivências da Ipê 11, quando foi aprovada no vestibular, ela cogitou não assumir a vaga, porque estava passando por problemas pessoais, mas o incentivo de uma das filhas para voltar a estudar foi importante na sua decisão.

Aí, quando eu passei no Enem, eu fiquei meio em dúvida, porque eu tava atravessando por vários problemas, meu marido tinha falecido. Aí eu falei com a minha filha: ‘Não vou’. Aí ela falou: **‘Vai, porque agora chegou a sua vez, porque, se das outras vezes você não conseguiu e agora você conseguiu, depois de todas as tempestades, é porque é para você fazer’.** Aí eu falei: ‘Então tá’. (Ipê 11, mulher, grifo nosso)

Quando a filha fala sobre as “tempestades” enfrentadas pela mãe, entendemos que se trata dos relatos presentes em sua entrevista sobre ter dado à luz a três filhos e cuidar deles e da casa, trabalhar em uma escola e, mais recentemente, dar atenção ao marido doente. As responsabilidades assumidas pela Ipê 11 são, na nossa sociedade, comumente atribuídas às mulheres (Federici, 2017). Logo, com tantos afazeres, restava pouco tempo para se dedicar aos estudos, como a entrevistada disse em outras partes de sua entrevista. Goldenberg (2014)

destaca essa questão e reitera que muitas mulheres, quando percebem que não possuem mais essas responsabilidades, vão em busca de sua realização pessoal e profissional. No caso de Ipê 11, ela matriculou-se em um curso do Ensino Superior.

De todos os idosos entrevistados, o Ipê 5 é o único que não se casou e não teve filhos. Então, seu relato sobre o apoio familiar para estudar é relacionado aos pais e irmãos. Alguns de seus dizeres trazem elementos para pensarmos os deslocamentos discursivos em relação ao que disseram outros sujeitos participantes da pesquisa sobre o apoio familiar. Abaixo, transcrevemos o excerto analisado:

Tenho, os outros dois não quiseram estudar nada não, quer dizer não tiveram nem segundo grau. **Os meus pais também não tinham. Não apoiavam, mas eles não tiveram estudo.** Ah sim, creio que sim. Isso é porque, na época deles, era muito difícil poder estudar, né? (Ipê 5, homem, grifo nosso)

Ele diz não ter recebido apoio dos pais para estudar porque eles não possuíam estudo. Isso pode ter acontecido porque, na primeira metade do século XX, as pessoas que cursavam o Ensino Superior contabilizavam um número consideravelmente menor do que atualmente. Não havia incentivo para que as pessoas provenientes das camadas populares estudassem, logo este pode ter sido um dos motivos que dificultaram o acesso dos pais aos estudos (Buarque, 2000; Ribeiro, 1969; Vieira Pinto, 1986)

A justificativa de Ipê 5 para o comportamento dos pais corrobora com a teoria de Bourdieu (2007) ao pontuar a tendência de que famílias com trajetórias escolares de sucesso (ou insucesso) perpetuem essa característica com os descendentes. Entretanto, Ipê 5 é um exemplo que foge ao fenômeno sociológico: mesmo com a ausência de exemplos de sucesso escolar na sua família, ele possui doutorado. À época da entrevista, era estudante de graduação na UFV, além de fazer uma especialização *lato sensu* em outra instituição.

Quando elaboramos uma síntese dos discursos analisados, constatamos que o apoio dos familiares e amigos no projeto do idoso de voltar aos estudos é relevante, mas, dependendo das experiências que o longo tempo acumulou durante a vida, a aprovação *manifesta* dos parentes não é necessária. Alguns idosos precisam ser estimulados pelo grupo social, outros, com vida acadêmica progressiva e sem familiares, buscam tais oportunidades graças à autoconfiança na experiência da própria trajetória social. Consideramos que nossas análises comprovam ser a velhice um conceito complexo, que aborda várias trajetórias singulares, por isso arbitrária enquanto conceito unitário que tenta normatizar uma concepção de velhice a-histórica e a-cultural, como denunciam as teorias de Bourdieu (2007, 2014), Debert (2012) e Karpf (2015).

O apoio familiar que a maioria dos idosos recebeu nos remeteu à teoria de Honneth (2003). Se quando crianças os entrevistados receberam aprovação e autoestima durante a escolarização, eles carregam consigo a autoconfiança necessária para enfrentarem situações que, por vezes, podem fazer com que outros sujeitos desistam como, por exemplo, a determinação da Ipê 6 em frequentar uma graduação, sabendo que a filha, na mesma universidade, não teve uma experiência positiva com os docentes. Percebemos, pelos discursos dos idosos pesquisados, que essa autoconfiança existe, pois, mesmo com todos os desafios elencados em outros trechos das entrevistas, eles permaneceram estudando.

Os discursos dos idosos em Viçosa também revelam uma forte similaridade com os fenômenos pesquisados em países em desenvolvimento na África Subsariana, Ásia Oriental (Izuhara, 2010), China (Xichen & Mengnan, 2020) e com os aposentados da Nova Zelândia (Davey, 2002), especialmente por tentar contornar a ausência de uma política pública brasileira abrangente e eficiente para o envelhecimento.

Considerações finais

Nos discursos dos sete estudantes entrevistados, seis idosos relataram que seus familiares apoiaram suas decisões de voltar aos estudos e reconheceram os direitos e os benefícios pessoais em cursar uma graduação na Universidade Federal de Viçosa. Os parentes desses idosos tiveram a oportunidade de cursar o Ensino Superior, fator que parece importante no estímulo dado aos seus pais e mães para também ingressarem na universidade.

Por meio dos discursos analisados, sustentamos nossa hipótese inicial de que o apoio familiar é importante para o ingresso e permanência desses estudantes idosos na universidade. Um dos entrevistados, que era solteiro e sem filhos, construiu uma trajetória acadêmica de destaque quando adulto, sinalizando que, durante a escolarização, teve uma experiência positiva de reconhecimento da família em relação aos estudos, tendo a autoconfiança necessária para reivindicar o seu direito de ingressar novamente na instituição.

Historicamente, essa universidade pública não foi projetada para receber os idosos como estudantes universitários, contudo eles possuem a autoconfiança e o apoio necessários para permanecerem em um ambiente que pode ser hostil à presença deles. O apoio recebido dos familiares contribui afetivamente na defesa dos idosos pelo seu direito de estudar. Esse suporte geracional também se encontra presente nas pesquisas feitas em outros países em desenvolvimento, conforme referenciado nas pesquisas internacionais citadas no trabalho.

Consideramos pertinente destacar que este trabalho limitou-se a um grupo de idosos que frequentou regularmente a Universidade Federal de Viçosa e que, por esse motivo, nossos resultados ainda não podem ser estendidos para outras universidades visto que a percepção da velhice e as condições socioeconômicas em nosso país são heterogêneas. Indicamos, em pesquisas futuras, investigar se as famílias dos idosos universitários de outras regiões do país percebem transformações positivas no comportamento dos longevos universitários e quais são essas mudanças. Essas informações podem ser usadas para a construção de políticas públicas nos âmbitos governamentais, que incentivem outros idosos a ingressarem no Ensino Superior.

Bibliografia

- Bogdan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora.
- Bourdieu, P. (2008). *A Miséria do Mundo*. Vozes.
- Bourdieu, P. (2014). *A Reprodução*. Vozes.
- Bourdieu, P. (2007). *Escritos da Educação*. Vozes.
- Buarque, C. (2000). *A aventura da universidade*. (2.ª ed.). EDUNESP.
- Cachioni, M., Ordonez, T. N., Batistoni, S. S. T. & Lima-Silva, T. B. (2015). Metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas por educadores de uma Universidade Aberta à Terceira Idade. *Educação & Realidade*, 40 (1), 81-103. <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/45741>
- Côrte, B. (2018). "Com que roupa" eu vou envelhecer? Mais 60 - Estudos sobre o Envelhecimento, 28 (70), 08-23. https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12554_COM+QUE+ROUPA+EU+VOU+ENVELHECER
- Davey, J. (2002). Active Ageing and education in mid and later life. *Ageing and Society*, 22, 95-113.
- Debert, G. G. (2012). *A reinvenção da velhice*. EDUSP.
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Elefante.

- Fernandes, C. A. C. (2020). *Idosos universitários e Reconhecimento: acesso, permanência e os desafios na Universidade Federal de Viçosa* [Tese de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa]. Programa de Pós Graduação em Educação. <http://www.poseducacao.ufv.br/wp-content/uploads/2012/02/CAMILA-APARECIDA-CARNEIRO-FERNANDES1.pdf>
- Goldenberg, M. (2014). *A bela velhice*. Record.
- Honneth, A. (2003). *Luta por reconhecimento: a gramática dos conflitos morais*. Editora 34.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Tábua completa de mortalidade para o Brasil - 2018: breve análise da evolução da mortalidade no Brasil*. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3097/tcmb_2018.pdf
- Inouye, K., Orlandi, F. de S., Pavarini, S. C. L. & Pedrazzani, E. S. (2018). Efeito da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre a qualidade de vida do idoso. *Educ. Pesqui.*, 44, 01-19. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1517-97022018000100300&lng=en&nrm=iso&tlng=pt
- Izuhara, M. (Ed.) (2010). *Ageing and Intergenerational Relations: Family Reciprocity from a global perspective*. The Policy Press.
- Karpf, A. (2015). *Como envelhecer*. Objetiva.
- Lima, M. P. (2001). *Gerontologia Educacional: uma pedagogia específica para o idoso*. LTr.
- Orlandi, E. P. (2009). *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. Pontes.
- Pinto, Á. V. (1986). *A questão da universidade*. Cortez.
- Reis, S. M. A. de O., Meira, A. M. T. & Moutinho, C. R. (2018). *História de vida de idosos no Ensino Superior: percursos inesperados de longevidade escolar*. <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2018v8n3ID649>
- Ribeiro, D. (1969). *A universidade necessária*. Paz e Terra.
- Santos, S. S. dos. (2013). Sexualidade: uma inscrição sem ponto final. In S. S. dos Santos, S. A. Carlos (Orgs.), *Envelhecendo com apetite pela vida: interlocuções psicossociais* (pp. 31-52). Vozes.
- Xichen, Z., Mengnan, L. (2020). Analysis of the Function of Elder Education to Continue Socialization of the Elderly. *International Journal of Elderly Welfare Promotion and Management*, 4 (1), 1-6.